

IMERSÃO

ESTUDO DAS CÉLULAS | ESTAÇÃO IV: COLHEITA

JEJUM: O REGOZIO DA ALMA

“Tu, porém, quando jejuares, põe óleo na cabeça e lava o rosto, para não mostrar aos homens que estás jejuando, mas a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê o que é secreto, te recompensará”
(**Mateus 6.17-18**)

Nossa igreja está vivendo um momento especial de consagração por meio de jejum pelo período de 21 dias. Hoje em dia, o mais próximo que costumamos chegar dessa prática é quando fazemos exames de sangue (privação compulsória), diferente da abstinência voluntária praticada nos tempos bíblicos. Para que sejamos frutíferos nessa prática, é necessário que seja esvaziada de religiosidade aparente.

PRÁTICA RELIGIOSA X PRÁTICA ESPIRITUAL

Embora traga muitos exemplos de servos que jejuaram (**1 Reis 19.8; Daniel 10.2-3; Lucas 2.37**), a Bíblia não defende tal prática numa perspectiva funcional, mas relacional. O próprio Deus, quando instrui seu povo acerca do jejum, desqualifica-o como um ritual (**Isaías 58.6-7; Zacarias 7.5-6**). A diferença entre uma prática religiosa e uma espiritual é que a primeira nos confere identidade e a segunda nos devolve a semelhança com Cristo. Jesus alertou os discípulos a não tomarem o jejum como algo que os identificaria como judeus, mas como aquilo que os conectaria com o Pai. E tudo que nos conecta com o Pai nos ajuda a ficarmos mais parecidos com Ele e, conseqüentemente, com nosso irmão mais velho, Jesus.

O ENSINO DE JESUS SOBRE JEJUM

Em **Mateus 6**, assim como em todo o Sermão da Montanha, Jesus está fazendo uma releitura da Lei, ensinando o povo a despir-se das práticas religiosas e revestir-se de práticas espirituais. Aquelas pessoas, assim como nós, tinham exemplos de servos de Deus que viam no jejum um modo de benefício próprio, como Davi (**2 Samuel 12.16**). Ainda hoje, cristãos usam o jejum em situações extremas: desemprego, vestibular, enfermidade, casamento etc. Mas isso de nada valerá se o jejum não for um ato de nos ligar a Deus, produzir semelhança dele em nós e, assim, nos capacitar a sermos agentes na transformação que buscamos. No texto que estamos observando, Jesus nos dá um princípio básico para o jejum: a recompensa do jejum é ser recompensado pelo Pai, e não por qualquer outra coisa ou pessoa. Ou seja, Deus é a própria recompensa.

A PRÁTICA DO JEJUM

A Bíblia nos fala de diferentes tipos de jejuns: de comida (**Lucas 4.2**); de comida e bebida (**Êxodo 34.28**); de alimentos específicos (**Daniel 1.12**). Fala, ainda, de jejuns individuais (**Atos 9.9**) e coletivos (**Atos 13.1-3**); curtos (**Ester 4.16**) ou longos (**1 Reis 19.8**). Em todas as Escrituras, porém, só há exemplos de jejum de alimentos. Mas, se expandirmos nossa compreensão de prática religiosa para prática espiritual, talvez consigamos ver outras privações voluntárias como possíveis jejuns ao Senhor. Um bom princípio para começar essa prática é a ideia de “dominar o que nos domina”. Do que alimentamos nosso corpo, nossa mente, nosso coração?

PARE E PENSE: REGOZIO INTERIOR

Agostinho associa o jejum ao que ele chama de “regozijos interiores”. Ele se baseia no fato de que Jesus mandou os discípulos, ao jejuar, ungirem a cabeça com óleo – o que, segundo esse pai da igreja, é uma referência à alegria vinda de Deus. Ao abirmos mão de algo que nos sacia, exercitamos a satisfação que vem do nosso Pai e começamos a descobrir o segredo de estarmos contentes e alegres em toda e qualquer situação (**Filipenses 4.12**). Vamos experimentar?